

**Publica-se aos sábados:**  
**Sob os auspícios da Liga**  
**Anticlerical do Rio**

**ASSINATURAS:**  
 ANO ..... 10\$000  
 SEMESTRE ..... 6\$000  
 PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior,  
 há a diferença do porte do Correio.

# A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

**DIRECTOR:**  
**EDGARD LEUENKOT**  
 Redação e administração  
 Largo da Sé n. 5 (Sobrado)  
**CAIXA POSTAL, 195**  
 Endereço telegráfico: LANTERNA  
 Toda correspondência ao director

## DOIS ANOS!

21 de fevereiro de 1911

Quando numa noite calida do mez de fevereiro de 1911, em uma pequena sala da rua General Camara, nesta cidade, alguns moços trabalhadores se reuniram para apoiar os nossos camaradas de S. Paulo a braços com a elucidação de um facto gravissimo ocorrido em um estabelecimento de ensino mantido por padres do culto catolico, logo estiveram, talvez, de supor que lançaram a primeira pedra do alvorecer de uma associação que estava destinada a ser o centro de resistencia e de combate onde viriam pelear as boas vontades decididas e energicas sedentas de liberdade e de justiça que aqui existiam separadas.

A Liga Anticlerical tem agora dois anos de vida activa, dois anos de lutas e de esforços em defesa do livre pensamento. Já faz parte da Federação Internacional de la Libre Pensée, a poderosissima associação com sede em Bruxelas e que ha pouco ainda realizou o Congresso de Munch e no mes de outubro proximo levará a efeito outro em Lisboa, como todos sabemos.

Algum motivo temos, portanto, todos nós, de nos sentirmos satisfeitos de, com os nossos tracos recursos, termos podido contribuir para que neste paiz, no seu principal centro de actividade, exista uma instituição como esta que já está.

Livres, como os achamos, de quaisquer compromissos menos dignos, apoiando francamente todas as iniciativas que tenham por objectivo libertar o homem da influencia de todas as crencas politico-religiosas que o tragam amarrado, jungido a dogmas ou formulas absurdas; impellido, coartado ou a raciocinar, a examinar antes de aceitar como sendo a verdade tudo que a fantasia, a ignorancia, o embuste ou o interesse atiram as multidões incautas, iremos trabalhando sem empecimento a ver se atingimos o fim que almejam.

Mas apesar de muito ter-se feito relativamente aos poucos recursos de que dispomos, ainda assim muito maiores seriam os resultados colhidos se tratássemos de dotar a associação (para isso só é preciso pouquinho mais de boa vontade) dos meios indispensaveis de que carece para melhor poder executar o seu programa.

Falta-nos, principalmente, uma biblioteca e muitas outras coisas indispensaveis e urgentes.

Não haverá por aí um anticlerical que queira vestir e alimentar melhor esta criança de dois anos, ou seremos todos uns Jobs?

E preciso ter em conta que, com o seu crescimento, as despesas de alimentação e outras vão aumentando proporcionalmente. Temos receio de que, apesar dos cuidados que é queridinha, dispensamos, a anemia não venha a se apoderar do seu frágil organismo, deixando a todos nós o remorso de vê-la estorçar-se...

Podemos consentir isso? Vamos, gente, um bom movimento e veremos em breve a rapariga ser o orgulho de todos nós!

Vermos como ela, cavalgado corol logico e empunhando a bandeira da Liberdade, magnifica, no esplendor da sua efusante beleza, chamará todos ao bom combate, a luta santa pela emancipação definitiva de todos.

Vamos! Adrenal.  
 Rio, 25 - 2 - 1913.

## ADOLFO VASQUEZ GOMEZ

Segundo telegrama que recebemos de Porto Alegre, deve chegar brevemente a S. Paulo o propagandista livre-pensador e dos principios socialis Adolfo Vasquez Gomez, de quem já nos occupamos.

Vasquez Gomez, velho jornalista e tradutor espanhol, percorreu já diversas cidades do Rio Grande do Sul, como Livramento, Pelotas, Bagé, Rio Grande, Porto Alegre, etc., onde realizou frequentadas e aplau-

didadas conferencias sobre as suas ideias emancipadoras.

Aqui em S. Paulo também se fará ouvir, indo depois ao Rio. As suas conferencias versarão sobre: «O clericalismo e as conquistas democraticas», «A questão religiosa e a questão social», «A queda do poder temporal dos papas e o seu poder presente», «A religião e a família», «A religião e a Sciencia», «A legislação do trabalho», «Os novos horizontes sociais», «As oito horas», «A organização proletaria», «Os altos ideais maoicos», «Francisco Ferrer e seus detractores» e «A Maçonaria e as doutrinas Modernas».

-----



## O novo scisma

A Igreja Catolica está em franca decadencia. Navegando em mares bravos sob o manto de S. Pedro. Em breve dela não restarão vestígios. Despedir-se-á de encontro a algum frangido que se eleva sobranceiro sobre os mares encapado em que navega. Requeijam-se em paz! Morre em lenta e dolorosa agonia a grande opressora do pensamento humano. Giordano Bruno, Galileu, Dollet e tantas outras victimas illustres da Madre Igreja Catolica, estais vingados!

Estais vingados também, pobres martires da Santa Inquisição! A vossa perseguição atroz e vingadora estertora nas vagas de lenta e dolorosa agonia. Os ataques violentos e certos dirigidos contra ela, nos quais a falta de argumentos responde com o anatema, flocaram com que o povo a pouco e pouco se afastasse da Igreja.

Os escandalos provocados pelos sacerdotes, a quem se impõe um alvarado voto de castidade, escandalos repetidos — eis outra causa da decadencia da Igreja Catolica. O numero de ministros da Igreja, que deixam a batina, quer para se casar, quer porque se rebelam contra os absurdos dos ensinamentos dela, aumenta diariamente. Outros abandonam para seguir a religião protestante.

Dis-se que na Inglaterra faz progressos o catholicismo. E esses progressos são tais que nem ao menos teve influencia a Igreja Catolica, e diga-se entre parenteses, nem a Protestante, para se opor á formidable greve que rebentou o ano passado ou atrasado, greve de caracter francamente socialista.

Na Belgica, venceram-se eleições os catholicos. E o partido socialista em represalia fez uma imponente manifestação de força.

Agora um scisma. Telegramas de S. Paulo dizem que o Corré de Amorim, vigário de Itapira, se revoltou contra o bispo de Campinas e proclamou a Igreja Brasileira de que se fez patriarca. O povo, segundo a Noticia de hoje, acompanha Corré de Amorim em sua rebeldia.

Segundo o mesmo respeitado da Capital, acha-se em S. Paulo o padre Corré de Amorim, para reencarnar com outros padres a respeito das providencias a tomar para o desenvolvimento de sua Igreja. Si o movimento se estende, muito enriquecida se achará a Igreja.

E' muito significativo o abandono da Igreja pelos seus ministros. E' muito significativa a attitude assumida pelo ex-vigário de Itapira. O espirito de rebeldia já contaminou os sacerdotes.

Por outro lado é sensível a falta de vocações religiosas. Pode assim a Igreja continuar a viver uma vida ingloria e mesquinha. Seu fim se aproxima. Em lenta e dolorosa agonia estertora a Igreja Catolica.

E quando a hora da morte soar, um brado de alegria entusiastica se erguerá vibrante do peito dos amigos da liberdade, sandando o ralar da redenção. Em lenta e dolorosa agonia estertora a Igreja Catolica. Em breve morrera!

Requeijam-se em paz!  
 Rio, 6 - 2 - 1913.

Edoardo Vital.



A situação do povo

## CONFETOS BÍBLICOS

Terminemos, enfim, rapidamente, este já fastidioso Exodo. O «Senhor» continuou a ditar leis a Moisés para o seu povo, sobretudo prescrições cultuais e privilegios para a casta sacerdotal dominante. Mas o legislador demorou-se demais lá no cume do monte vedado: quarenta dias e quarenta noites. Decerto, agulha levava tempo. Ainda se ele tivesse uma boa máquina de escrever «Mercedez», «Vanderpood», «Xoyat» ou «Smith»... Mas Deus, coitado, sabia lá dessas coisas naquela época! Quem faz o que pode, a mais não é obrigado.

O «povo eleito» é que se aborreceu da demora do seu pastor e tratou de arranjar novos deuses, para ir passando o tempo. Ora a quem recorreram eles para isso, sendo atendeidos?

Ao proprio irmão de Moisés, ao proprio Arão, fazedor de milagres e amigo pessoal do velho deus nacional! Singular onipotencia a deusa divindade tam facilmente traída e vingutar certa a deste sacerdote, ao corrente de todos os segredos... de Estado!

Avistado por Deus... Moisés desceu o monte, viu o seu povo prostrado ante o beirão de ouro fundido por Arão e ficou todo furioso, quebrando as tabuas da lei escritas pelo dedo divino. Pena é que não tenha ficado ao menos a mostra da caligrafia! Como se sabe, Deus é um habil calligrafo, escrevendo direito por linhas tortas. Se hoje voltasse a ter relações directas com os homens, quem poderia dar-lhe lições de dactilographia seria, por exemplo, o nosso amigo Meyer, que por sinal é descendente do povo eleito.

Em suma: vinte e três mil homens foram passados a fio de espada, sendo, porém, Arão perdoado, por ser da família, apesar de autor do beirão... «Fertui, poi», o Senhor o povo pelo pecado do beirão, que Arão tinha feito.

E arranjaram-se duas novas tabuas, continuando as promessas e farrascas divinas, envolvidas numa multidão de leis... contra o povo, como ainda hoje, graças a Deus...

O Confetiteiro.

## Flores ensanguentadas

Ultimamente, uma tropa de passagem interpretava no teatro de Pau (sul de França) a Sonata de Kreutzer.

Toda a alta sociedade, que passa agradavelmente o inverno na bella estancia piriziana, ali estava. As casacas negras misturavam-se com os vestidos deslustrados, e dos corpetes rendilhados emergiam os colos nus, brancos como a neve das montanhas.

Esquecendo-lhe que no seu reino inumeros miseraveis sotrem miseria atroz, Afonso XIII, abortido corado, encalilhara a sua face cadaverica na sombra dum camarote de antecâmara. O publico aplaudia uma comen-

## HOSTIAS AMARGAS

### As quaresmais de D. S. Leme

3ª conferencia — A religião não consiste sómente na religião natural — Racionalismo e semi-racionalismo — Incompetencia dos filosofos e dos scientistas em materia de religião.

Tens razão, muitissima razão, d. Sebastião Leme. A religião, isto é, a tua religião, não consiste na religião natural.

Ao contrario, ella mostra-se sempre adversa á religião natural, procurando opor-lhe regras e praticas de todo o ponto anti-naturais.

Como pode querer falar em religião natural uma seita que proscreve os prazeres da vida, e que aconselha as mortificações de toda a sorte? Uma seita para a qual a suprema perfeição moral é expressa pela obediencia aos chamados conselhos de Cristo — pobreza voluntaria, obediencia inteira e castidade perpetua?

Repetimos: tens carradas de razão, ó adoravel bispo de Ortosia.

Simplemente, a tua primeira tese está mal enunciada. Ella devia ser concebida nos seguintes termos: a religião, de que sou ministro, consiste em fazer exactamente o contrario do que preceitua a lei natural.

E é porque a mesma religião, que tu pretendes haver aperfeiçoado a lei natural, chegou ao resultado abstruso de contradita-la nos seus pontos fundamentais, como notante as leis que regem a conservação do individuo e a conservação da especie, e poria que, julgas imprescindível que se aceite a revelação, como base indispensavel da creença que a ti e aos teus comparsas tantas vantagens de toda a sorte proporciona.

Afirmas ser indispensavel a revelação para emprestar caracter divino aos principios, em um dos quaes queires, vós todos que constituís o clericalismo, reproduzir na sociedade em geral o culto do Deus.

Volviendo-se então para o seu — Vá levar um ramo áquella actriz. Agrade-me Diga-lhe que é da minha parte. E espera, com um sorriso fatuo, calculando o contentamento envidado da comediante.

Alguns minutos depois, o camariista voltou com o ramo.

Como! Não executou as minhas ordens?

— Majestade...

— Elle recusou? Essa agora! Quem é ella?

Tinha a voz colérica. Mas o camariista, vergado, murmurou a meiz vos:

— Majestade, elle chama-se... Paz Ferrer...

Titina-o sabido nos bastidores. Então, com os olhos pregados nas flores, o assassino julgou ver nas brilhantes corolas borritos de sangue da sua nobre vittima, o martir de Monjuich, e ficou livido, tremulo, cabibabito.

Tal é o facto singular, cuja narração traduzimos dum jornal parisiense.



Moral teologia

Um jornal liberal de Munch recomenda aos seus leitores uma moral teologia de que é autor o sr. Goepfert, professor de teologia na universidade de Wurtzburgo. E' desta moral, a paginas 440 do 1.º volume, este lindo trecho:

E' prohibido fazer perguntas indirectas ao diabo, e seria grande pecado manter com Satães demoradas conversações; em compensação, é simples pecado venial dirigir-lhe apenas uma ou duas perguntas.

Quem tiver lido isto ficará naturalmente pensando que Pio X, se por acaso lhe chegasse aos ouvidos os seus olhos lá participada, recitaria fortes duches ao professor Goepfert. Puro engano. O papa Sarto conferiu-lhe a medalha de 5.ª classe da ordem de S. Miguel, distincção muito apreciada nos meios vaticanicos.

## A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se relaciona a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua da Barroca, 24, 2.º

tu lhe dizes que essa noção di-

mana de um Deus qualquer? E como tens certeza de que o grau de adiantamento a que chegou o espirito humano no Occidente fez, com que elle se expurgasse de quantas bugangas lhe tolhiam os impulsos, não encontras expressões pare malinas o racionalismo, que nada mais é do que a análise dos dogmas religiosos operada pela razão escoimada de todo e qualquer preconceito de ordem teologica.

Em boas palavras: não queres a intromissão da intelligencia nas coisas da fé, nem de modo completo, nem de modo parcial.

Perante os artigos da fé és de parecer que o homem meta no sacco a sua intelligencia, o seu criterio logico, o seu simples bom senso.

Em ordem a semelhante modo de pensar, disseste na conferencia que dissecamos:

O fim principal da religião natural é adorar a Deus.

Repetimos de modo absoluto o teu conceito sobre a religião natural.

Esta tem por fim não a adoração de uma entidade que, se existe, ainda não deu demonstração palpavel da sua existencia, mas que, ao contrario, é inconcebivel nas condições em que tu a propoendes, vós os deistas, á adoração humana.

O fim unico, exclusivo da religião natural outro não é que o desenvolvimento da solidariedade humana, pelo aperfeiçoamento moral dos individuos que constituem a especie.

## CAUTÉRIOS

LXXXIX

O cônego-dr. Sansoni

Hoje, na minha féina prosseguindo, Aos attentos leitores vou contar Mais um caso genitil, heroico e ilado Da existencia dum santo alio e exemplar:

E' o Sansoni, tão nosso conhecido, Fogo de santidade e de manias. O que eu lhes vou dizer, é real sabido, E de suas virtudes fagueiras:

Mirado certa vez poeticamente Os desertos da Minas alerosas, Veio-lhe ideia genitil a mente: Encher de gente terra tão ditosa.

Aquelles campos férteis, verdejantes, As florestas peidas de riquezas, Os rios numerosos, saccentos, Os lagos transbordando de belezas,

Todos estes tesouros da Natureza Considera banais e sem razão, Scisma, mas logo após se transfigura, Encontra para o caso solução:

Toma o seu guarda-pó e embarca lesto E lá em Belorizonte vai parar. Faz com o Gôverno um trato muito honesto, Para os serviços miniosos parar...

Com a mesma prontidão e a mesma pressa, Vai para a India o cônego-doutor. E quando enfim para o Brasil regressa, (Que é que nos traz o colonizador?)

Simplemente uma dúzia de donzelas, Frescas, formosas, preches de desejos, De olhos feitos de rutilas estrelas, De bocas suspirando por mil beijos!

Elas e elle, de acerto ponderava, Erão bastantes, mesmo em demasia. Em pouco tempo todos aferram, Minas de gente regurgitaria!

Instala com cuidado o seu serrinho... Mas o inimigo, o perfido Satan Veio estragar em meio o seu trabalho, Dar cabo do seu casto e honesto aliança...

Giuntes talvez, talvez mesmo revoltas Da concupiscencia burrada das concubinas. O caso é que elas foram-se de volta Para a terra das páldias madonas...

E o Sansoni ficou abandonado, Falto de amores, finto de caricias... Até hoje ainda chora desgraciado, De saudade das bárbaras patrias!

E para corar tanta maldade, Terminada a ligenda narração O Gôverno da India, sem ciúde, Inda processa o mártir do Sansoni!

E eis aí, num estilo infimo e vário, Terminada a ligenda narração Da aventura da India, sem ciúde, Tão dedicado á colonização!

Bento da Silva.



E tudo quanto isso não for, será o que quizeres, menos a verdadeira, a única, a genuína religião natural, tal qual é concebida pelo espírito moderno.

Desde que consideras axioma uma petição de princípios, que é a existência de Deus, compreende-se muito bem que não queiras graças com racionalismos ou semi-racionalismos, dos quais os primeiros exigem as provas dos princípios que estabelecem *a priori*, e os segundos concedem *a tua* grei, já algumas coisas, que são o que chamamos — verdades religiosas, fornecidas pela razão, como se a razão pudesse fornecer verdades religiosas — na aceção exacta da palavra, porém de carácter espiritualista.

E aí de quem não acatar como evidentes as proposições ou artigos de fé formulados pela tua Igreja. São homens ímprobos, veementes, ímpios, escravos das suas paixões e que deviam ser eliminados da sociedade, a bem da salvação das almas clementes.

Ha pouco, liamos uma obra intitulada — *Apri's le catechisme*, escrita por um sacerdote francês e aprovada por monsignor Vigne, arcebispo de Avignon. Tinhamos sob as vistas o artigo — A Igreja e a Razão — onde encontramos as seguintes passagens, nas quais se pode admirar no mais alto grau a dialectica sofisticada pregada nos autores católicos:

O título de *livre-pensador*, na verdadeira aceção, é um título de honra. Dá-se a quem procura a verdade, sem parti-pris sistemático, não recitando de seu peito na sinceridade do seu coração — aquele cujo espírito e cujo coração ficam livres de toda a paixão, de todo o odio, de todo o prejuízo.

Entretanto, após uma tão bela definição, acrescenta o escritor:

Os *livre-pensadores* não são *livres* porque são escravos de todas as paixões, de todos os odios religiosos amontoados pela incredulidade contra o catolicismo.

Os *livre-pensadores* não são *pensadores*, porque não são capazes de interesse mais de perto a humanidade e que são os referentes a sua origem e ao seu destino. E assim discorrendo, o autor da obra, *apri's le catechisme*, completa a definição da modicidade francesa, deixa claramente transparecer:

Que considera legítimos e verdadeiros *livre-pensadores* são aqueles que apenas creem, que ensinam a muito santa Igreja Católica-Apostólica-Romana;

Que todos quantos não engulam as pilulas que a humanidade procura propinar a mesma Igreja são escravos de todas as paixões e apenas agem compelidos pelos odios, que a incredulidade armazena contra o catolicismo;

Que os *livre-pensadores* não são *pensadores* porque não se preocupam com os problemas da origem e dos destinos do homem, como se não fora exactamente o estudo acurado de tais problemas, que mais tivessem concorrido para emancipar a inteligência humana do jugo da Igreja.

Risum tenentis!

Somos capazes de apostar que o autor do *livre*, a que nos reportamos, é jesuíta, cultor da lógica bizantina e nenhuma admiração experimentaremos se um dia se nos deparar alguma outra obra sua, na qual asseverar que os verdadeiros racionalistas são os membros da Igreja católica.

Os filósofos e os cientistas, diz D. Sebastião Leme, não têm competência de espécie alguma em matéria religiosa. Autoridades no assunto são os seus padres. Supremacia total na questão é do papa.

Em matéria de fé, D. Sebastião Leme tem os filósofos e os cientistas na conta de calvalduras, de verdadeiros bois a olharem para palácios.

A ciência cede a fé — é o tema do bispo de Ortosia, fraseando o *Cedant arma togae* dos antigos romanos.

Iso, porém, está em tanto difícil de conseguir.

Os espíritos hoje não têm a docilidade de outrora, quando o que aleguem mais do que tudo receava no mundo era uma excomunhão irrogada por autoridade eclesiástica.

D. Sebastião Leme é o primeiro a afirmar que hoje em dia ninguém mais no Brasil tem fé no catolicismo, e essa afirmativa é a primeira verdade de que até então já saiu dos lábios do bispo de Ortosia nas

suas conferências quaresmais, verdade com a qual concordamos em genero, numero e caso.

Disse ele em relação aos brasileiros:

Vivem a dizer que têm religião e são mesmo católicos, mas não raro são precisamente a contradição do catolicismo.

Muito preferível seria que se dissessem maços, ou ateístas, ou o que outro nome tenha, mas... católicos, não é não.

E se julgarem que não tenho razão, exclama orador, outro argumento não me resta.

Envergonhado da minha época, irei pedir a Nosso Senhor que nos conceda tempos de coerência e lealdade, para que os homens tenham a franqueza de dizer que são aquilo que na realidade são.

Bravo! Bravissimo! E' isso mesmo, D. Sebastião Leme. Tu e os teus colegas viveis cercados de hipocrisias, que afetam crenças que não possuem, sentimentos que não nutrem e são tão somente por conveniências de ordem material.

Ninguém nos tempos actuais toma a sério o catolicismo.

Mesmo os raros praticantes que andam presos a tua saia violeta e a dos teus colegas, ou procuram apenas explorar-vos por todos os modos, aproveitando-se das excelentes disposições de animo, que ostentais com aqueles que vos acompanham de perto e que vos são subversivos, ou são espíritos fracos, pusilânimes, que se arriam de qualquer mal que lhes possam fazer, em consequência de um qual prestigio politico, de que ainda gozais no paiz.

O mais caralho desses tipos, que viveu a balar o clero, é, como o disseste, a *contradição do catolicismo*.

São seres abjectos, incapazes de externar os seus odios e para quem o unico ideal na vida é satisfazer a *sacra famula auri*.

Franqueza, sinceridade, isso só encontrarás nas fileiras do *livre-pensamento*.

Nós te consideramos nosso adversário não na tua qualidade de homem, mas como representante de uma seita, que ha sido funestissima a sociedade.

Damos-te, porém, combate com a tua própria arma, com a tua própria modicidade, com a tua própria modicidade francesa, deixa claramente transparecer:

Que considera legítimos e verdadeiros *livre-pensadores* são aqueles que apenas creem, que ensinam a muito santa Igreja Católica-Apostólica-Romana;

Que todos quantos não engulam as pilulas que a humanidade procura propinar a mesma Igreja são escravos de todas as paixões e apenas agem compelidos pelos odios, que a incredulidade armazena contra o catolicismo;

Que os *livre-pensadores* não são *pensadores* porque não se preocupam com os problemas da origem e dos destinos do homem, como se não fora exactamente o estudo acurado de tais problemas, que mais tivessem concorrido para emancipar a inteligência humana do jugo da Igreja.

Risum tenentis!

Somos capazes de apostar que o autor do *livre*, a que nos reportamos, é jesuíta, cultor da lógica bizantina e nenhuma admiração experimentaremos se um dia se nos deparar alguma outra obra sua, na qual asseverar que os verdadeiros racionalistas são os membros da Igreja católica.

Os filósofos e os cientistas, diz D. Sebastião Leme, não têm competência de espécie alguma em matéria religiosa. Autoridades no assunto são os seus padres. Supremacia total na questão é do papa.

Em matéria de fé, D. Sebastião Leme tem os filósofos e os cientistas na conta de calvalduras, de verdadeiros bois a olharem para palácios.

A ciência cede a fé — é o tema do bispo de Ortosia, fraseando o *Cedant arma togae* dos antigos romanos.

Iso, porém, está em tanto difícil de conseguir.

Os espíritos hoje não têm a docilidade de outrora, quando o que aleguem mais do que tudo receava no mundo era uma excomunhão irrogada por autoridade eclesiástica.

D. Sebastião Leme é o primeiro a afirmar que hoje em dia ninguém mais no Brasil tem fé no catolicismo, e essa afirmativa é a primeira verdade de que até então já saiu dos lábios do bispo de Ortosia nas

suas conferências quaresmais, verdade com a qual concordamos em genero, numero e caso.

Disse ele em relação aos brasileiros:

Vivem a dizer que têm religião e são mesmo católicos, mas não raro são precisamente a contradição do catolicismo.

Muito preferível seria que se dissessem maços, ou ateístas, ou o que outro nome tenha, mas... católicos, não é não.

E se julgarem que não tenho razão, exclama orador, outro argumento não me resta.

Envergonhado da minha época, irei pedir a Nosso Senhor que nos conceda tempos de coerência e lealdade, para que os homens tenham a franqueza de dizer que são aquilo que na realidade são.

Bravo! Bravissimo! E' isso mesmo, D. Sebastião Leme. Tu e os teus colegas viveis cercados de hipocrisias, que afetam crenças que não possuem, sentimentos que não nutrem e são tão somente por conveniências de ordem material.

Ninguém nos tempos actuais toma a sério o catolicismo.

Mesmo os raros praticantes que andam presos a tua saia violeta e a dos teus colegas, ou procuram apenas explorar-vos por todos os modos, aproveitando-se das excelentes disposições de animo, que ostentais com aqueles que vos acompanham de perto e que vos são subversivos, ou são espíritos fracos, pusilânimes, que se arriam de qualquer mal que lhes possam fazer, em consequência de um qual prestigio politico, de que ainda gozais no paiz.

O mais caralho desses tipos, que viveu a balar o clero, é, como o disseste, a *contradição do catolicismo*.

São seres abjectos, incapazes de externar os seus odios e para quem o unico ideal na vida é satisfazer a *sacra famula auri*.

Franqueza, sinceridade, isso só encontrarás nas fileiras do *livre-pensamento*.

Nós te consideramos nosso adversário não na tua qualidade de homem, mas como representante de uma seita, que ha sido funestissima a sociedade.

Damos-te, porém, combate com a tua própria arma, com a tua própria modicidade, com a tua própria modicidade francesa, deixa claramente transparecer:

Que considera legítimos e verdadeiros *livre-pensadores* são aqueles que apenas creem, que ensinam a muito santa Igreja Católica-Apostólica-Romana;

Que todos quantos não engulam as pilulas que a humanidade procura propinar a mesma Igreja são escravos de todas as paixões e apenas agem compelidos pelos odios, que a incredulidade armazena contra o catolicismo;

Que os *livre-pensadores* não são *pensadores* porque não se preocupam com os problemas da origem e dos destinos do homem, como se não fora exactamente o estudo acurado de tais problemas, que mais tivessem concorrido para emancipar a inteligência humana do jugo da Igreja.

Risum tenentis!

Somos capazes de apostar que o autor do *livre*, a que nos reportamos, é jesuíta, cultor da lógica bizantina e nenhuma admiração experimentaremos se um dia se nos deparar alguma outra obra sua, na qual asseverar que os verdadeiros racionalistas são os membros da Igreja católica.

Os filósofos e os cientistas, diz D. Sebastião Leme, não têm competência de espécie alguma em matéria religiosa. Autoridades no assunto são os seus padres. Supremacia total na questão é do papa.

Em matéria de fé, D. Sebastião Leme tem os filósofos e os cientistas na conta de calvalduras, de verdadeiros bois a olharem para palácios.

A ciência cede a fé — é o tema do bispo de Ortosia, fraseando o *Cedant arma togae* dos antigos romanos.

Iso, porém, está em tanto difícil de conseguir.

Os espíritos hoje não têm a docilidade de outrora, quando o que aleguem mais do que tudo receava no mundo era uma excomunhão irrogada por autoridade eclesiástica.

D. Sebastião Leme é o primeiro a afirmar que hoje em dia ninguém mais no Brasil tem fé no catolicismo, e essa afirmativa é a primeira verdade de que até então já saiu dos lábios do bispo de Ortosia nas



O aniversário do domingo de sangue na Rússia — Algumas rápidas considerações sobre o grande facto histórico — Que resta da revolução? — As classes médias são hoje pouco revolucionárias em todo o mundo: o medo do povo — O povo trabalhador não se esquece — Uma greve comemorativa em S. Petersburgo — Renascimento operário e sindical no império do kaut — A força das reivindicações populares e a impotência da repressão.

Os operários russos celebraram o oitavo aniversário do morticínio de 22 de janeiro — aquela trágica jornada em que o povo trabalhador de S. Petersburgo, conduzido pelo pope Gapone, foi recebido com descargas cerradas pelos soldados do czar, quando ia candidamente suplicar ao «paizinho» modestos reformos, um magro bocado de liberdade.

Aos suplicantes foi distribuído chumbo, largamente, profusamente, generosamente. E — oh! dolorosa, mas imperiosa verdade! — foi melhor do que pó! A terrível lição fructificou, o sangue vertido fecundou as searas futuras.

A revolução irrompeu desde então, ergueram-se as barricadas, reivindicadoras, e a greve geral, apesar de balbuciente e inexperiente organização operária, mostrou a sua força prodigiosa. O tsarismo cambaleou, desorientou-se, lançou a mão aos expedientes salvadores.

E, no entanto, perdurou, através duma ténu e difana máscara de hipocrisia. O mundo offere russo vai mesmo festejar com pompas e galas o terceiro centenário do advento da dinastia dos Romanoff, imperialmente inaugurada pelo imbecil Miguel Federovich.

Que se fez da revolução de 1905? Oh! sim, foi esmagada por uma repressão implacável, sob a crueldade feroz dos cosacos, sob a selvageria sangüinária dos *cem-negros*, no horror das execuções e deportações em massa, dos *pogromes* e das chacinas. E à medida que eram domadas as últimas resistências, a reacção tsarista crescia de audácia e de arrogância, rasgando pouco a pouco os seus frágeis véus de disfarce.

A vitória tsarista é, porém, precária e passageira. A ideia da revolução ficou. Não ganha talvez muito terreno no seio das classes médias, porque estas, desejando libertar-se dum regime politico que não é ainda a exacta expressão dos seus interesses e o instrumento perfeito das suas vontades, não querem contudo fazê-lo com grave risco de cair a revolução nas mãos do proletariado, ou de dar a este uma grande energia nova e uma forte confiança no seu valor.

E assim, lá como nos outros países monarchicos, a medida que se fortificam em consciência e em organização as classes operárias, vão fugindo à burguesia liberal a ocasião e o desejo duma transformação politica por meio da acção popular.

Mas é nas massas trabalhadoras que se mantém viraz a ideia revolucionária e que ela continua a germinar, com as primeiras florescências duma primavera rubra. Os trabalhadores, esses não se esquecem; não se esquecem dos seus direitos, nem abandonam as suas aspirações, nem desfalecem no seu animo.

Em 22 de janeiro, a recordar a data trágica e a clamar a impericivel confiança na vitória futura, só em Petersburgo houve 50 mil grevistas; e só a custo é que a policia conseguiu dispersar o cortejo que ia percorrer a cidade, repisar talvez o trajecto de há oito annos...

Em toda a Rússia, o movimento operário retoma novo vigor. As greves succedem-se, como a de oito mil operários da Sociedade Bodovnick de Riga, declararam princípios de janeiro, e a que, nos fins do mesmo mês, estalou nas usi-

nas Putiloff, abrangendo doze mil grevistas. Foram estas usinas as que forneceram maior contingente à historica manifestação do «domingo sangrento» de 1905.

Apesar da furiosa repressão, conservam-se em Petersburgo quinze organizações operárias, com um jornal. Em Moscou e nas provincias, há sindicatos que resistem à rajada destruidora. Alguns que são dissolvidos reorganizam-se com outro nome: é o caso da União dos metalurgicos.

Significativa lição para os governos tomados do desvario repressivo! Na própria Rússia, mosaico de populações e regimes dessemelhantes, atrasadas umas, outras adelantadas e industrializadas, oprimidas todas entre si, na própria Rússia, país de autocracia e de arbitrário burocrático, a repressão não conseguiu extinguir as aspirações populares; e se de uma sua realização, é para tornar mais violentas as explosões da revolta.

Nemo Vaseo

MIGALHAS DAS HOSTIAS

Berlim, 13. — O novo arcebispo de Colonia, monsenhor von Hartmann, prestou hoje juramento na presença do imperador, do cabido e das autoridades ecclesiasticas da arquidiocese.

Finda a cerimonia, que teve lugar no palacio imperial, o imperador quillimene fez o novo prelado e manifestou-se profundamente satisfeito por ver que cada vez se estreita mais a união cordial entre a igreja e o chefe do Estado.

(Jornal do Commercio).

Se os tempos se mudam, porque motivo a Igreja tambem não se ha de mudar com eles, apesar da sua pretensa imutabilidade?

Ora, vejamos: Antigamente, quando um chefe de Estado europeu não do brava a espinha perante o Papa, era excomungado e os seus subditos desligados do juramento de fidelidade, que se admitia lhe haverem prestado.

Henrique IV, julgando que a sua coroa corria perigo, por ter feito fuzguinhas ao Soberano Pontifice, não teve como ir a Canossa, onde este se encontrava e onde só obteve absolvição dos seus pecados depois de haver-se sujeitado a duras e humilhantes penitencias.

Hoje, um arcebispo catolico presta o juramento da pragmatica em presença de um imperador protestante, de um chefe da igreja schismatica.

E' que a Igreja só se mostra inflexivel em seus principios quando se sente forte, vigorosa.

Desprestigiada, porém, como está agora, ela tomou a resolução de transigir, ainda que isso importe uma ruptura com as tradições, verdadeiras ou falsas, de que sempre se mostrou tão ciosa.

E vá agora alguém lhe dizer que ela se transforma com os tempos!

Excomunhão pela certa...

Na Bibliotheca Lancianina, em Roma, há um codigo arabe, em que estão registadas varias receitas para as mais diferentes molestias; estas receitas consistem em preces especiaes, que variam conforme o mal, sendo, porém, identicas a manipulação farmacéutica que as acompanha. Basta escrever num pedaço de papel a prece, e depois do papel e fazer a engulir, desse modo, pelo doente.

As linhas acima foram extraídas de interessante artigo que, sob a epigrafe *Bibliofagia*, publicou o *Jornal do Commercio*.

Não precisamos ir muito longe, para encontrarmos a pratica curiosa da ingestão de preces escritas em fragmentos de papel como meios terapeuticos contra varias enfermidades.

De há longos annos os vigários das diversas paróquias de Minas distribuem aos seus frequentes orações garantidas em tiras de papel e que, engulidas á guisa de pilulas ou capsulas, curariam infalivelmente grande numero de doenças.

Assim é que ás parturientes costumam administrar, sob a forma pilular, um fragmento de papel, no qual se acham impressas as seguintes letras: O. M. S. L. C. O. P. N. P. C. F. P.

Tais letras correspondem á conhecida jaculatoria:

O Maria sine labe concepta ora pro nobis Patrem cuius Filium speramus.

Não faz muito, vimos numa roda de pessoas cultas em Ouro Preto certo padre de estirpe alemã e que costuma viajar em companhia do arcebispo d. Silverio, asseverar com a convicção de um pobre de espirito que, no caso de qualquer dificuldade para a terminação do parto, uma das pilulas, que acabamos de mencionar, produz resultado muito mais eficaz do que o fórceps ou a mão do mais habil parteiro.

Ja vêm os leitores que, sob o ponto de vista das superstições, como sob muitos outros, os catolicos em nada ficam aquém dos muçulmanos, que têm a presunção estulta de julgar inferiores em civilização.

Cansejas, que era um espirito conciliador, tentou fazer uma paz honrosa com os clerigos: mas os bispos, obedecendo ás ordens de Roma, fizeram pé firme em um ponto a respeito do ensino elementar. Um dos bispos, menos prudente, chegou mesmo a confessar a Cansejas que a Igreja encrava o analphabetismo das massas populares como um mal necessário, como uma cura que se protegia contra a influencia nefasta dos partidos adiantados.

(Trecho de um artigo sobre a politica espanhola, verho de um jornal inglez e publicado no Jornal do Commercio).

Olhem só o bispo espanhol a descobrir ingenuamente a tática da Igreja.

Todo o mundo sabe que o catolicismo só por hipocrisia se mostra amigo do progresso, mas que, se possível lhe fora, manteria todas as nações na mais absoluta ignorancia, como se den com o Paraguay sob o dominio dos jesuitas, no tempo das antigas reduções.

A ignorancia é para o clero catolico um mal necessário, porque actua como uma cou-raça que protege as massas populares contra a influencia nefasta dos partidos adiantados.

As ratazanas vivem nos lugares escuros; os mochos tem o seu habitat natural nas trevas.

A Religião não quer a instrução do povo, porque assim o subtrairá ao dominio da cléricanilha.

Os partidos adiantados incutem no animo do proletariado a noção exacta dos seus direitos.

O clero quer que as classes produtoras jámais suspeitem que vivem a sustentar um exame de parasitas sociais, cujo expoente mais exacto é representado pelos intitulados ministros de Cristo.

Donde, a necessidade para esse mesmo clero da ignorancia, a que ele hipocriticamente chama — mal necessário.

Agora esperamos um pouco que, com certeza, d. Sebastião Leme vai dizer do pulpito da catedral carioca que a Religião foi sempre amiga da instrução e que ninguém mais do que ela jámais propugnou a diffusão do ensino entre as massas populares.

Ah! Estes padres... estes senhores padres...

I.

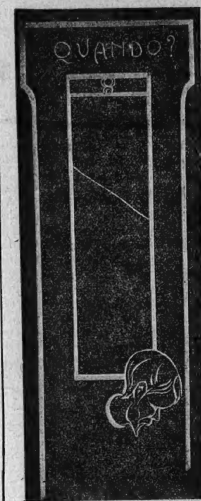
Biblia vermelha

Tambem nós não protrairemos por mais tempo esta scena de luta moral, em que o virtuoso velho trabalhava para salvar um desgraçado, que nascera bom e honesto, e que a sociedade fiera culpada, amotrou a sua obra e, a vida social, cheia de erros, preocupações e vicios, danada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes, educou a geracão e os individuos, legando-lhes largo cabedal de perdição; e quando os abusos estavam em terra, a geracão, tendo bebido uma seiva venenosa, produzem seus frutos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hipocrita, horroriza-se, abomina a sua obra e, ajuntando-se á roda do cadafalso dos supplicados, que ele proprio lá conduzia, ainda uma coisa a que pig por nome justiça e que não é mais que uma desculpa embustreira da ignorancia e da perversidade, não do individuo criminoso, mas desse vulto hediondo e infame cadáver social, para o qual não ha, nem lei, nem punição, nem algures.

(Trecho da ROMANCE «Morte de Giotto», de ALEXANDRE HERCULANO).

## RUSSIA

22 de janeiro de 905



### Lição de catecismo

Em 22 de janeiro, foi julgado pelo tribunal correccional do Máccon, França, o padre Tirino, cura de Leynes, que, durante a lição de catecismo de 29 de novembro ultimo, exigira os nomes das crianças que a respeito tinham assistido a um enterro civil, batera nua a perna, a menina Charnay, esbofeteara o menino Paulo Vincent e dissera insolencias e infamias das familias que mandam enterra: civis os seus membros.

Isto é mais um facto a provar o medo que os padres tem a ruína do seu commercio, e o amor que eles dedicam á infancia, a prte carinhosa com que eles a educam.

### "A LANTERNA" EN VIAGEM

#### Em Bariri

Teve realiação, quarta-feira atresada, em Bariri, a conferencia annunciada pelo nosso companheiro João Penteado, que se occupou do tema — *A questão social, o operariado e a lei de expulsão de estrangeiros*.

O teatro Bariri-cinema, gentilmente cedido pelo seu proprietario, esteve repleto de povo, comparecendo a ele, tambem, para mais realisar aquella sessao de propaganda, a bem apreciada corporação musical regida pelo maestro Malatesta, que pelo nome, parece, deve ter algo de anarquista.

Houve uma enchente á cunha. No teatro se via: representadas diversas classes sociais: medicos, farmaceuticos, advogados, comerciantes, funcionarios publicos, operarios, todos interessados pelo que se ia falar com referencia á lei de expulsão de estrangeiros do Brasil.

O nosso companheiro ali foi generosamente acolhido por grande numero de amigos, que em tudo lhe favoreceram afim de ser realiado o seu intento.

A apresentação perante o auditorio baririano foi feita pelo sr. Erasmo Corrêa, advogado no foro daquela prospera cidade.

As impressões ali recebidas pelo nosso companheiro são as melhores possiveis. Bariri hoje, segundo a sua opinião, é uma cidade digna dos mais elevados conceitos no que toca á liberdade de consciencia e pensamento, podendo até, neste sentido, dar exemplo a tantas outras, que, conquanto sejam mais conhecidas, podem tomá-la por modelo.

A *Lanterna* em Bariri é bem aceita. Ainda, desta vez, devido aos valiosos auxilios do sr. Eugenio de Arruda Campos e Candido Martins, o nosso companheiro João Penteado conseguiu obter ali mais visto e tantos assinantes novos, que, como todos, aplaudem a ideia da publicação diaria de nossa folha.

#### Em Jahú

Na sede do Centro Operario daquella cidade realizou-se terça-feira passada uma conferencia de propaganda, á qual compareceu grande numero de pessoas.

O tema escolhido pelo nosso representante, ainda desta vez, foi *A lei de expulsão de estrangeiros*. Nessa ocasião se fez um protesto contra a monstruosa lei Gordo, que é a maior vergonha para a nossa civilização.







## CATECISMO ATEU

Como o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplêndido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez de seu argumentação, é muito apropriado para a propagação no seio do povo, entregue aos preconceitos emburrecidos da atualidade. Está à venda nas seguintes condições:

Pelo correio:	
100 . . . . .	128000
50 . . . . .	68500
25 . . . . .	38500
1 . . . . .	2000
Na redacção:	
100 . . . . .	108500
50 . . . . .	58500
25 . . . . .	38000
1 . . . . .	2000

A todas as sociedades, grupos e companhias que se dedicam à propagação emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, que será substituído por outro folheto, logo que tenha sido publicada a sua edição. O Grupo de Educação Social tem também a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Enric Campones.

## Restos dos factos de Cullera

## O caso Aragó em França

O caso Aragó apaixonou agora as massas operárias, os homens avulsos e os mais altos representantes do Direito. Aragó, ao ver-se inculcado de participação nos distúrbios que encheram de luto e dor a cidade de Cullera, refugiou-se em França. Deveriam decair os seus direitos. Na Espanha os elementos liberais lutam persistentemente para arrancar a presa às fauces do verdugo e triunfem. Mas a polícia espanhola volta de novo à perseguição e tendo o governo como instrumento supremo, abre o afilado processo dos tristes acontecimentos e o proletário é recolhido no cárcere estrangeiro. Após a detenção de Aragó em Lyon, a colônia espanhola daquela cidade, que muito o admirava pelo seu procedimento honesto de proletário, começou trabalhando, sob a presidência de Enrique Canar, para impedir que fosse concedida a sua estradição. Um advogado ilustre, sr. Mario Moutet, uma dessas simpáticas individualidades do foro francês, de um grande valor intelectual e de uma vontade inquebrantável, tomou a seu cargo a defesa judicial do desditoso estrangeiro.

Logo outras pessoas lhe seguiram o exemplo trabalhando noutros campos. Francisco P. Pressat, presidente da Liga para a Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, escreveu uma bellissima pagina defendendo Aragó, dirigindo a sua ministério da Justiça; Appleton, presidente da Liga da Seção do Rodano e catadrático de Direito; Bouquet, advogado e secretário da colectividade; Mariette, deputado socialista unificado por Lyon; Tribolet,

representando a maioria republicana de municipalidade; e, por fim, o Progrés e Lyon Republicain; todos os sindicatos operários, enfim, tudo quanto o partido radical, a esquerda constitua energia de reivindicações justas e de aspirações humanas, trabalha agora para salvar Aragó.

Azari, patriarca francês com o fim de secundar os esforços dos franceses em tão grandioso empreendimento, representando de lá a suafeição pelo acolhimento que lhe fizeram. Em Paris conferenciou com Jaurès, Renaudet e Pressat a quem expoz a natureza dos acontecimentos de Cullera, ali já conhecidos pelas notícias e artigos da *Bataille Syndicaliste* e da *Humanité*. Em todos estes homens juntos o deputado republicano espanhol encontrou a mais formal disposição para a luta em prol da liberdade de Aragó.

Em 6 de janeiro, realizou-se na sala Zola, na rua Bouleau, de Lyon, uma grande reunião pública que foi convocada por um manifesto da Liga de Defesa dos Direitos do Homem e da Federação de Sociedades Francesas, a situação do pobre operário preso. Esse acto foi uma importante e entusiástica demonstração de humanitarismo. Falearam Azari, Jean Appleton, Mariette, o advogado Moutet e Bouquet, pronunciando energias discursos e fazendo radiadismos. Depois foi votada por aclamação a seguinte moção:

«Os cidadãos reunidos na sala Emilio Zola, considerando que o direito de asilo para os refugiados políticos é um princípio essencial de direito publico das democracias; Considerando que os seus membros do artigo 3.º da convenção franco-espanhola de 13 de dezembro de 1872, toda a estradição deve ser denegada no país de exílio, protestam com energia contra a tentativa de extradição de Aragó, refugiado politico e convidam todas as forças democráticas para que se oponham, por todos os meios legais, à realização de um acto que seria vergonhoso e desonroso para um país de liberdade.

Expõem também o seu desejo de que o regime de extradição, tão arbitrário, seja regulado por uma lei de modo que os cidadãos ameaçados possam defender-se perante um tribunal ordinário e não perante um cidadão Azari, enviando aos republicanos espanhóis a sua declaração de república e convidando a todos os cidadãos franceses a apoiar a causa de Aragó. O honrado operário protestou muito vez e a estradição de Aragó declarou que encontrava em França há 15 meses trabalhando pelo seu mister. Lamentou amargamente a sua situação e declarou que ele devia ter causado a seus pobres pais. Os visitantes animaram-se e então Aragó pediu a Azari que se regressasse a Espanha transmittindo aos seus pobres velhos os seus mais ternos recados de saudade.

## O teatro e a Igreja

O bispo de Londres proibiu há dias a anunciada representação de um «misterio» na igreja de S. Silas, em Kentish Town, após o que escreveu ao pastor Whittingham a cor-de-lhe fructuosa medida porque se opõe ao catecismo, e porque se realizem representações teatrais em lugares religiosos da Inglaterra. Ainda que com um oposto criterio achamos razão ao bispo da City. As exhibições de teatro na igreja são deprimentes para... o teatro.

## FOLHÉTIN DA LANTERNA (285)

## MIGUEL ZEVACO

## CAVALEIRO DE LA BARRE

## Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA

## SEGUNDA PARTE

## Flor de Maio

## XI

## OS MISERAVEIS

Endireitou-se lentamente e murmurou: — Pobre menino!

— Pobre menino!... Não nos esperará muito. Vês, mulher? Deviamos dar-lhe ouvidos e ir com ele. Germana calou-se. Soror Madalena, ajoelhada ao lado da mãe, dolorosa, murmurava uma prece.

— Reza, irmã, disse o ex-carceiro, é o vosso mister... Mas é tempo perdido: lá em cima não ha ninguém! ninguém para vos escutar!

Soror Madalena, perturbada, nada respondeu. Não achou que respondesse. Interrogou-se, desceu ao fundo da sua consciência, sentiu que se lhe partia como que uma mole interior e deixou de rezar! Entretanto, ficou ajoelhada.

Neste momento, Germana circunvagou os olhos, como desperta de um sono:

— Estais aqui, irmã? Espera... Gil vai acordar...

— Coragem, minha pobre Germana! disse a carmelita, tomando-lhe as mãos.

— Coragem? Para que? Se vamos morrer todos três, juntos, para que precisamos de coragem? Não é verdade, Germana?

— Sim; agora é a nossa vez. Gil

morreu e nós seguiremos o nosso fio.

Germana levantou-se de um pulo:

— Que dizes? Gil morreu? Disseste que Gil morreu?

Germana, sem responder, reconou, soluçando, com um gemido continuo.

A carmelita procurava aquietar e consolar a pobre mãe; mas contra o seu costume, pela primeira vez, não invocara a misericórdia do Senhor.

Germana agachou-se do novo. Pôs-se a falar.

— Sim, devo ter coragem... Gil está muito mal, coitado... Ele é toda a minha vida... Gil é o sol que nos alumia nesta nossa existência cheia de miséria...

— Quando era pequeno, pequenino... Punha-me os bracinhos em volta do pescoço, quando eu o apertava contra o coração... Se me massassem num instante daquelles... morreria feliz... Sempre foi fratinho... adoentado... Não faz mal... ele ha de ser forte quando for homem... Cotidinho: já teve umas febres malignas... Salvou-o um homem... Ah! se ele estivesse aqui!

Com certeza o salvaria outra vez... Men Gil! meu pobre filhinho, estás muito doentinho, não é verdade? Quando te tornarei a ver sorrir, com esse sorriso tão doce? Havemos de te salvar, outra vez, sim, sim!

— Vamos, mulher! a alma de Germana calou-se. Soror Madalena, ajoelhada ao lado da mãe, dolorosa, murmurava uma prece.

— Reza, irmã, disse o ex-carceiro, é o vosso mister... Mas é tempo perdido: lá em cima não ha ninguém! ninguém para vos escutar!

Soror Madalena, perturbada, nada respondeu. Não achou que respondesse. Interrogou-se, desceu ao fundo da sua consciência, sentiu que se lhe partia como que uma mole interior e deixou de rezar! Entretanto, ficou ajoelhada.

Neste momento, Germana circunvagou os olhos, como desperta de um sono:

— Estais aqui, irmã? Espera... Gil vai acordar...

— Coragem, minha pobre Germana! disse a carmelita, tomando-lhe as mãos.

— Coragem? Para que? Se vamos morrer todos três, juntos, para que precisamos de coragem? Não é verdade, Germana?

— Sim; agora é a nossa vez. Gil

## Pelas publicações

A «Resença», órgão da Liga Anti-socialista de Livres Pensadores — Cullera, rua Pedro Celestino, 24.

Este bello jornal, fundado em abril de 1909, contendo já portanto 4 anos de publicação, tem vindo a desenvolver-se, modificou ultimamente a sua primitiva feição, passando, a editá-la em formato de jornal e semanalmente.

Com isto muito ganhou, segundo a nossa opinião. A feição de revista, a antiga da *Resença*, adaptasse-se aos artigos severos de estado, às preleções doutrinaárias, às longas divergências. O jornal comporta melhor o comentário rápido e mordaz dos sueltos, os artigos de combate, ao mesmo tempo que em pequenas doses e paulatinamente doutrina e instrui. E ainda tem, para a propagação, no nosso meio tão avesso às altas cogitações da filosofia, para a nossa gente tão refractaria às coisas pesadas, de espirito de Maria-vaí-com-as-outras, a vantagem de ser assim leve — mais barato. Condição — e mais, então, com a tendência pratica do presente, com estes tempos da electricidade, em que tudo se faz seguido a lei do minimo esforço, passando pelo caminho da síntese.

E caso pois para felicitarmos a nossa distincta colega pela sua mudança de formato. E aceite também o nosso cordial aperto de mão, com os votos de que a *Resença* para que continue sempre impertinente na luta do livre-pensamento, até à vitória final.

## A razão de Juiquina

Juiquina não era dos milhóes alunos da escola em escripta nem em leitura; mas tinha uma queda especial para o catecismo. Sabia o catecismo de cor e saltado e era ele que a professora escolhia para ser interrogado pelo vigário ou algum padre em transito que visitasse sua escola.

Uma vez passou pelo arraial um conego que estava de viagem. Como de costume, a professora convidou-o a visitar sua escola. Depois de mostrar ao reverendo a escripta dos alunos e de mandá-lo ler alguns trechos, chamou o Juiquina para o conego o arguir em catecismo.

Juiquina levantou-se, lépido, e foi collocar-se junto à mesa onde estava o conego. Este sorveu uma pitada e interrogou-o:

— Menino, quem é Deus?

— Um senhor todo-poderoso, criador do céu e da terra.

— Quantos deuses ha?

— Um só!

— Muito bem. Onde está ele?

— No céu, na terra e em toda parte.

— Então Deus está na sua casa?

— Está sim senhor.

— Na sala?

— Sim senhor.

— Mesmo na cozinha?

— Sim senhor.

— Mesmo no chiqueiro dos porcos?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

— Então Deus não está em toda parte?

— Não, senhor.

Ah, isso não!

— Professora! desatou, e muito encoadurada, fazendo sinal ao Juiquina que respondera errado, por trás do conego, que sorria risinho outra pitada. Depois de passar o lenço no nariz, ele continuou:

— Pois você não disse que Deus está no céu, na terra e em toda parte?

— Não, senhor, e é exacto.

— Porque então não está ele no chiqueiro de sua casa?

— Porque minha casa não tem chiqueiro.

(Da Carreta).

## Bilhetes e recados

Cidade do Turvo — Um antiericli: Porque não fugista o biuto em pequenas correspondências? Permutamos com o jornal. Saudações.

Rio — Jango: O urso prestou-nos um serviço publicando aquele cabograma. E só para morrer os capitães de muito daqui. De grande proveito para o movimento operário será essa agitação, se for orientada pelo programa. E de outra forma, temerá nas chomraginas as «poderes competentes» e nas promessas nunca cumpridas. Saudações a todos.

Também — A. de A. S. S.: Fizemos a transferência. Aqui o Espetramento. Saudações.

Conosco — S. S. G. G.: Em mãos a copia da lista. O resultado será certamente immediato, por entender a vossa acção pelos Estados. Saudações.

Bagé — C. L. G.: Agradecemos pelas informações sobre o conferencista em excursão pelo Brasil, que teve a bondade de nos enviar. Saudações.

Sento de Minas — Z. Z.: Recebemos os tres coupons e a correspondência de todos os Estados. Saudações.

Ribeirão Pires — L. D.: Foi feita a transferência. Saudações.

Florianopolis — C. E. M.: O clichê seguirá logo que fique pronto. Recebemos os tres coupons e a correspondência de todos os Estados. Saudações.

Juiz de Fora — J. S.: Seguiremos os livros e o recibo. Saudações.

Beio Horizonte — Z. Z.: Com a boa vontade do homem ha de perder o prestigio e abandonar o campo a boa obra da organização sindicalista. Para comecar já se ha o conseguirmos. Segui o pacote. Salute.

Campinas — G. P.: Recebemos os tres coupons e a correspondência de todos os Estados. Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante mais hora, foram os panos substituídos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um suspiro, não muito profundo, e o rosto não havia mais a feição de morte. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo de neutralizar moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traçoira da politica partidária. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo título é ainda bem mais expressivo. Mandamos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandes. Saudações aos batalhadores daí.

Victoria — A. G.: As condições do empréstimo são as que já publicamos na *Lanterna*. Trata-se de uma iniciativa tendente a favorecer a propagação e não de uma empresa lucrativa. Saudações.

S. Roque — C. N.: Recebemos a importância das assinaturas dos artigos. F. F. de O. Seguirem os recibos. Ha muitas maneiras de se auxiliarem o jornal e o movimento. Insistimos portanto no proposto. Saudações.

Ita — P. A. R. P.: Folgamos em saber o restabelecido. Foi um facto realmente interessante. Em maré de caporismo ando o nédio d. Nery. Não lhe bastava já o ano menos nédio Amorim a descobri-la as puras? Saudações.

Rio Grande — J. C. Estima: Recebemos o vale com o resultado da cobrança. Realmente ainda encontramos individuos pouco correctos que pretendem ler o jornal de meia carta. Sabemos nós quanto nos custa mantê-lo. Ainda se contatarmos com a caixa de S. Pedro. Recebemos os indicados e registamos os novos. Concorramos com o que diz sobre os dois amigos mencionados. Entretanto, apesar de todas as dificuldades, temos de vencer. Gratos lhe somos pelos bons serviços que está prestando ao jornal. Saudações aos amigos.